ensaios clínicos

o sintoma: daquele que engana ao que não esgana

ANTONIO QUINET

O TÍTULO DESTE TRABALHO EXPRESSA O percurso de uma análise do ponto de vista do destino do sintoma.

I. o sintoma enganador

O sintoma que leva alguém a procurar uma análise geralmente faz sofrer, causa dor, esgana. Mas a dor a que o sintoma se refere (conversões, obsessões, fobias) não é exatamente a mesma que gerou sua constituição. Essa causa é inconsciente, e o sujeito a recalca por ser traumática. Em seu lugar, aparecem outras motivações que convergem para o sintoma, forma mais econômica de o sujeito enganar sua dor. A fobia é um exemplo disso. Recordo-me do caso de uma paciente com medo de elevador em cuja análise esse sintoma representava outro medo: o de ser "presa" fácil de um Outro que a deseja. Tratava-se de um "medo de cair" associado à lembrança infantil de uma queda junto com o pai. Os dois tinham caído em um barranco na rua em que morava: rua "sem saída". A articulação da queda com o pai à expressão "sem saída" e à recordação de que o pai não a deixava sair de casa para namorar constitui a cadeia do sintoma da qual faz parte o gozo incestuoso de ser presa do pai. O sintoma em sua vertente significante é sempre enganador: ele engana a dor, e o sujeito vai em frente aos tropeços, enganado, esganado.

A neurose começa sempre com uma mentira – *Proton pseudos*, disse Freud[1] –, que nada mais é que o deslizamento daquilo que foi traumático para uma outra causalidade, mais aceitável. Daí todo sintoma ser "engana-dor", por mais que pareça um "eleva-dor". O sintoma que engana se opõe à angústia, que, como Lacan indicou, é o afeto que não engana, não havendo disfarce quando ele surge. Já o sintoma é facticidade, com várias caras e letras, que se desvela enganadora quando desponta o sinal da angústia. Ele tanto engana a dor quanto é dor que engana.

[1] Freud. Projeto para uma psicologia científica (1895/1974)

Outro caso, que me foi relatado em supervisão, deixa bem visível a constituição do sintoma a partir da angústia. Tratava-se de uma mulher que usava o marido como bengala para se proteger da angústia provocada pela presença da mãe. Mas

o marido-sintoma não era suficiente para combater a angústia. Um dia, ela entrou em casa e, ao atravessar o corredor que a levaria ao marido, começou a sentir falta de ar. A partir de então, a falta de ar se tornou o sintoma que substituía o marido que não fazia mais sintoma. O sintoma engana-a-dor: faz crer que o problema é corporal, quando na verdade a dor se refere à mãe.

O sujeito dá crédito ao sintoma, *il y croit*. Por isso se presta ao deciframento. Mas o sintoma encanta – é encanta-a-dor. O sintoma que canta, seus males não espanta. O sintoma enganador é o "efeito do simbólico no real"[2] – efeito que esgana o sujeito, não o deixa correr da dor.

[2] Lacan. *O seminário: R.S.I.* (1974-1975: aula de 10 de dezembro de 1974).

Ao alertar contra o *furor sanandi*, Freud aconselhava o analista a não combater o sintoma, mas sim a acolhê-lo pelo que traz tanto de engano quanto de revela-dor. Tentar suprimi-lo é aumentar seu poder de engano, uma vez que a dor ressurgirá em outro lugar. Contra o sintoma não adianta um maquilador, ansiolítico, antidepressivo ou qualquer outro *pharmakón*.

O inconsciente é contador[3], cifrando, contando cada dado, cada lance, cada lance de dados. Esse contador é o sintoma que conta a vida, conta a morte, conta a dor. O problema é que ele conta mal, vai no máximo até a adição, não chegando à multiplicação. É por isso que o sujeito reclama que não dá conta e se sente culpado e em dívida com suas contas, pois o sintoma nunca paga a quantia correta. Se paga a mais, o sintoma dói – é sinto-mal; se paga a menos, a dor da angústia vem em acréscimo ao sintoma – é sinto-mais. De uma maneira ou outra esse sintoma esgana. O sintoma-contador conta o gozo, e sua cifra real – sua conta de reais – são os modos pelos quais o sujeito goza do inconsciente. Seu crédito está no sintoma, o sujeito dá crédito a ele, *il y croit*.

[3] Lacan nos diz em *O seminário: R.S.I.*: aula de 14 de janeiro de 1975.

O sintoma é um contador privado, extremamente particular, mas nem por isso Lacan elimina seus tipos clínicos, ou seja, sua modalização em obsessivo e histérico.[4]

[4] Lacan. *O seminário: R.S.I.* (*op. cit.*: aula de 16 de fevereiro de 1975).

Por ser da ordem da linguagem, o sintoma canta a dor. O sintoma canta e a análise decanta... decanta a dor. A análise é decantadora, ao contrário das psicoterapias, que são decoradoras. Mas o analisante sabe que, na análise, quem conta um conto aumenta um ponto, pois ao ciframento metafórico do sintoma a análise opõe o metabolismo metonímico da associação livre. *C'est un sacré déplacement*.[5] Traduzindo: Êta deslocamento danado! A operação de crédito [*Verschiebung*] promovida pela análise descredita o sintoma-enganador de seu gozo.

[5] Lacan. Radiophonie (1970/2001, p. 420)

II. o sintoma letra

É por meio do decrifamento que o sintoma deixa de esganar. Ele pode até cair em desuso pelo sujeito, se este foi capaz de enfrentar a dor do traumatismo nele cifrada. O sintoma que aparece na conjunção do real com o simbólico no nó borromeano a três, como Lacan desenha em *A terceira* – ou seja, o sintoma cujo gozo é fálico –, é o mesmo sintoma como quarto nó que amarra os três registros R, S e I no nó de quatro?

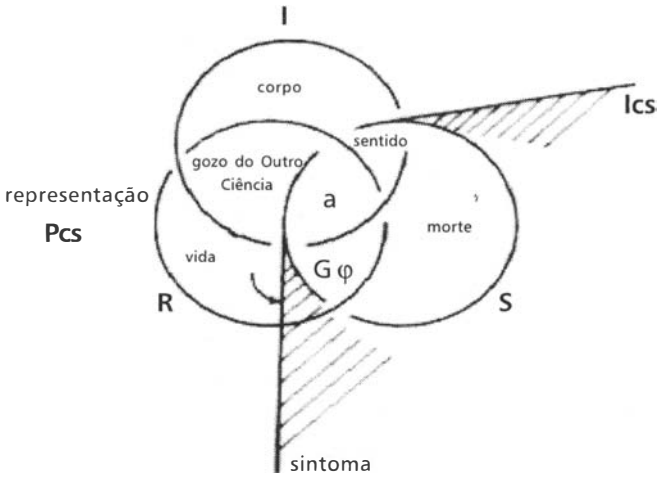
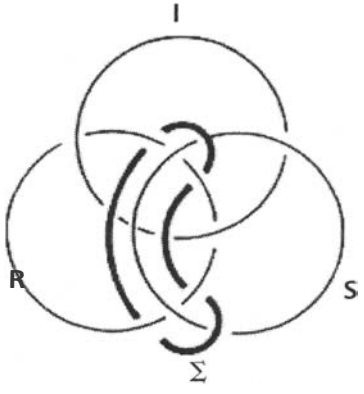


Figura 1: Nó a três em *A terceira*



RSI +
Figura 2: Nó a quatro sintoma

A meu ver, a resposta é não. Trata-se de duas representações distintas do sintoma. No seminário "R.S.I." Lacan começa com o nó de três, percebendo que há um +1 que permite aos três elos se manterem juntos – é a propriedade borromeana; porém nada os diferencia, não se sabe qual é o imaginário, o simbólico ou o real. Ao longo desse seminário, passa ao nó borromeano de quatro, nomeando o quarto elo como sintoma. No seminário seguinte, propõe a grafia *sinthoma* para designar o sintoma-nó que amarra os três registros. Não se trata, portanto, do mesmo sintoma. Certo, ambos são da ordem do real – o primeiro consiste no real do gozo fálico; o segundo no real do nó. Aqui, o *sinthoma* é signo de gozo, ininterpretável, inanalisável. O primeiro é o que designo sintoma enganador, decifrável, analisável, cujo gozo é autista e se refere aos tipos clínicos (o obsessivo com seu pensamento, o histérico com seu corpo, o fóbico com seu objeto de angústia). O segundo é o *sinthoma* borromeano que faz laço social, pois abre a possibilidade de parcerias de gozo.[6] Proponho essa distinção para pensarmos o sintoma antes e depois de uma análise, pois não existe sujeito sem sintoma.

[6] Retomo aqui a distinção proposta por Colette Soler entre o sintoma autista e o sintoma borromeano desenvolvida em seminário que proferiu em Salvador em dezembro de 1997.

Após uma análise, o sintoma nem engana nem esgana – ele paira, voa, é, tem gana. Na análise, diz Lacan, trata-se de enlaçar, amarrar de outra forma os três registros.[7] O sintoma enganador, na junção do real e do simbólico, vai de par ou até mesmo em oposição à inibição e à angústia – três modalidades de esganar o sujeito articuladas aos três registros. O *sinthoma* como quarto nó é aquele que não esgana. Ele articula e mantém juntos, porém diferenciados, os três registros Real, Simbólico e Imaginário como nó borromeano. Essa articulação é o que sustenta a ex-sistência de um sujeito. O *sinthoma* mantém os furos dos três registros enquanto tais arejando-os, assim como mantém a abertura própria ao *triskel*, centro do nó, impedindo que se feche e que os três registros colabem, se soltem ou estejam em continuidade, como na paranóia.[8] Condição necessária para manter a estrutura do nó e a abertura da causa do desejo – furo em que Lacan localiza o objeto *a*. O *sinthoma* como quarto nó é, para Freud, o complexo de Édipo como realidade psíquica que articula o simbólico das representações do inconsciente, o real da pulsão sexual e o imaginário do corpo e seu narcisismo. A função do *sinthoma* é ser letra, diz Lacan ainda em "R.S.I.".

[7] Lacan. *O seminário: R.S.I.* (*op. cit.*: aula de 14 de janeiro de 1975).

[8] Cf. meu texto de introdução ao livro *Na mira d'o Outro: a paranóia e seus fenômenos.*

Diferentemente do significante, simbólico, a letra é real.[9] A letra é uma cifra de gozo que se faz escrita. O sintoma-letra não engana a dor, e tampouco esgana o sujeito. O modelo

[9] Lacan (1970-1/1987, p. 7)

dessa função do *sinthoma*, diz-nos Lacan, é o pai que faz de uma mulher causa de seu desejo. O pai aparece como *modelo*, para ilustrar a função do *sinthoma* de tornar possíveis parcerias... de gozo. É por isso que uma mulher pode ser o *sinthoma* de um homem. Mais que isso, mostra o laço social de parceria que o *sinthoma* borromeano efetua. O Pai também é modelo desse *sinthoma*, uma vez que tem "função suplementar" como Nome-do-Pai. Da mesma forma que podemos nos virar sem o Pai com a condição de utilizá-lo, podemos nos virar sem o *sinthoma* com a condição de nos servirmos dele. Dito de outra forma: identificarmo-nos com ele, sabendo dele guardar distância.[10]

[10] Lacan. *Le Séminaire: L'Insu qui sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1976: aula de 16 de novembro de 1976)

Alíngua, sem a qual não há letra, é um conceito que Lacan introduz nos anos 1970.[11] *Lalangue*, termo mais próximo da "lalação" da infância, é o que constitui o sintoma como letra, como maneira de gozar do inconsciente. A maneira como *alíngua* foi falada e ouvida será sintomatizada pelo sujeito. O *sinthoma* é feito com o que ficou, os detritos da água da linguagem que agarraram na peneira e que fazem coalescência com o real. Com a letra, chega-se ao "criançamento" das palavras, "lá onde elas ainda urinam na perna", como diz Manoel de Barros. Assim, o sinthoma-letra articula os significantes d'*alíngua* com o gozo.

[11] Vide Conferência sobre o sintoma em Genebra.

Mas como fazer em uma análise para que *alíngua* se precipite na letra que faz *sinthoma*? O próprio Lacan nos dá a indicação: "domar o sintoma até o ponto em que a linguagem possa dele fazer equívoco, é daí que se ganha o terreno que separa o sintoma [...] do gozo fálico".[12]

[12] Lacan. La tercera (1974/ 1988, p.96)

Ao entrar no meio aquático, Lacan indica que o sintoma no banho da linguagem é como "um peixinho cuja boca voraz só se fecha ao ser-lhe dado sentido para comer". O sintoma-peixinho é muito sentido e, caso não seja decifrado, morde a perna e devora o sujeito, como sintoma-piranha ou sintoma-tubarão. É com o equívoco que se esvazia o gozo fálico do sintoma-peixe. E com isso se promove a passagem ao *sinthoma* como letra, que é o que "há de mais vivo e de mais morto na linguagem". O real da letra enlaça borromeanamente o real da vida, a morte do simbólico e o corpo do imaginário.

O *sinthoma* no fim de análise, feito com *alíngua*, é menos um peixe que um pássaro "usado para pescar o azul" (Manoel de Barros).

O ensino de Lacan vai da importância do sentido do sintoma à desvalorização de seu sentido, o qual é desvelado em última instância como sentido de gozo [*joui-sens*]. O *sinthoma* de Joyce é o modelo do inanalisável. Não seria esse o *sinthoma*

ao término de uma análise? Reduzido a um real da letra? Não mais como peixe ou pedra ou cruz que impede que as coisas funcionem, e tampouco laço que esgana. E sim como pássaro que voa no céu do sujeito, fazendo deste um passarinheiro, ou seja, um analista.

O analista-passarinheiro é uma função já indicada por Lacan em seu texto sobre a direção do tratamento: "Já que se trata de tomar o desejo ao pé da letra, porquanto são as redes da letra que determinam, que sobredeterminam seu lugar de pássaro celeste, como não exigir do passarinheiro que ele seja, antes de tudo, um letrado?"[13]. O analista-passarinheiro letrado é aquele que proporciona a passagem do sintoma-peixe, voraz de sentido, ao sintoma-pássaro, letra das asas do desejo. Podemos glosar sobre o sintoma-pássaro: há o sintoma-canarinho, o sintoma-papagaio, o sintoma-sabiá, assum preto, carcará, andorinha. Será a análise igual à história do patinho feio? Coitado, rejeitado, mal-amado, sem lugar no lago do Outro, de repente vira cisne, signo de gozo: poderoso, glorioso. Não, a análise é antes o percurso que vai do sintoma-sentido ao sintoma-signo. Do *sintoma tipo* ao *sinthoma inédito*, do que engana ao que não esgana, do sintoma autista ao sintoma borromeano que faz laço social. Um *sinthoma-tu-you-you* – que indica a parceria do sujeito e é prenhe do novo, da criação. Eis por que, em meu livro *A descoberta do inconsciente*, designei-o com uma sacada poética que encontrei em Manoel de Barros: "TU-YOU-YOU" – nome de um pássaro do Pantanal que o escritor escreve transcriando e transliterando um "você-você-você". O *sinthoma-tu-you-you* não isola o sujeito, não sendo portanto autista, mas permite a constituição de parceiros... de gozo. Pássaro da paisagem criado na passagem, passarinho de passe.

A identificação ao sintoma no fim de análise de que fala Lacan é da ordem da adoção desse sinthoma-tu-you-you. O sujeito adota o sinthoma-pássaro que voa, paira no horizonte de seu desejo, que tem gana do outro. Mas não se deixa esganar pelo outro. Como diz Mário Quintana: "Aqueles que atravancam meu caminho passarão, eu passarinho". O *sinthoma*, quando letra, é menos cisne poderoso que pássaro cuja asa pode rengar, mancar. Pois, como diz Manoel de Barros, "O tuiuiu quando alça faz um barulho torto de quem renga de uma asa".

[13] Lacan. *Escritos* (1966, p.648).

III. o gaio saber

Em *Televisão*, Lacan indica que o gaio saber se opõe à tristeza como extravio do desejo, ou seja, ao estado em que o sujeito não quer saber das coordenadas de sua história e de

seu desejo. O efeito de uma análise é o oposto da tristeza – o sujeito não se deixa mais abater por seu sintoma. O que não significa que ele não reagirá com tristeza às perdas que a vida invariavelmente traz. Mas aí trata-se da tristeza como reação de luto (a ser elaborado e atravessado), e não como covardia moral, como a definiu Espinosa. O gaio saber é uma relação epistêmica que pode ser alegre – Lacan chega a indicar essa alegria na capacidade de rir do analista. Mas trata-se, sobretudo, de uma referência muito precisa, literária e histórica, à poesia dos trovadores dos séculos XI e XII na Europa (em língua d'Oc, a dos ocitanos) cujo tema é o amor cortês, amor contado em jogos de palavras em que o poeta canta sua dama, que sempre lhe diz não. O gaio saber [*gay sçavoir*], língua dos trovadores, é a disciplina ou arte de lidar com as palavras, jogando com elas, utilizando seus sentidos e simbolismos. *Trobar*, em língua d'Oc, significa inventar, descobrir, e também expressar-se por tropos, ou seja, empregar as palavras em sentido diverso do habitual, como na metáfora e na metonímia.

O gaio saber pode ser um efeito de análise que indica uma relação nova e criativa com *alíngua*, um possível manejo poético, servindo-se dela com suas contradições, suas antíteses, seu poder de enganação/desenganação. É aí que aparece o estilo próprio a cada um. O gaio saber é uma modalidade de *savoir y faire* com o sintoma, um saber lidar com ele que Lacan evoca como fim da análise. É alcançado quando o sujeito não se encontra mais submetido aos nós de significação do sintoma que esganam, a nós que enganam. Longe de nutrir o sentido, o gaio saber o rasura. É saber d'*alíngua* que faz do passarinheiro trovador. Assim, a análise pode ser entendida como o percurso que vai do sintoma que trava ao sintoma que se trova. Trova-se a dama quando é sintoma. Em uma análise, trata-se de passar do *y croire* ao *savoir y faire* como o sintoma: do crédito ao sintoma a saber o que fazer com ele.

"Persistindo os médicos, consultem os sintomas", receita Tom Zé. Digo eu: "Persistindo os analistas, consultem os sintomas". A persistência da psicanálise depende de nossa acolhida do sintoma, pois não há sujeito sem sintoma de qualquer gana que for. Não levá-lo em conta é cair na concepção de transtorno – do padrão e da norma – que orienta as DSM e os CID e desorienta os psiquiatras. E a conseqüência é conhecida. Como diz Valente, nosso colega, nesse jogo o resultado é *CID 10 x Sujeito 0.*

A letra como *sinthoma* comporta sempre um artifício, daí o saber lidar com o sintoma ser da ordem da arte como ofício.

Lacan designou o analista de diversas maneiras em relação à letra: letrado, retor (versado em retórica) e até mesmo poeta – dizendo que não era *assaz-poeta*. O poeta é o trovador do gaio saber, podendo ser *dupe* da letra, deixando-se enganar por seus artifícios.

O gaio saber, ligado à função da letra, pode ser expresso com Manoel de Barros: "O que não sei fazer, desmancho em frases".[14] Prática da letra, o gaio saber se conjuga com a ética do bem-dizer, pois a análise é um percurso que vai do semi-dizer do sintoma ao bem-dizer o sintoma. O gaio saber em manoelês arcaico é: "Pegar no espaço contigüidades verbais... Essa é uma prática sem dor. É como estar amanhecendo a pássaros"[15].

[14] Barros. *Livro sobre nada* (1996, p.63).

[15] Barros. *O livro das ignorãças* (1997, p

referências bibliográficas

Barros, Manuel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Barros, Manuel de. *Livro das ignorãças*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Freud, Sigmund. (1895) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. I

Lacan, Jacques. (1974) La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

Lacan, Jacques. (1970-1971) Lituraterre. *Ornicar?* Paris, n. 41, 1987.

Lacan, Jacques. (1970) Radiophonie. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

Lacan, Jacques. *Le Séminaire: L'Insu qui sait de l'une bévue s'aile à mourre (1976)*: aula de 16 de novembro de 1976. Inédito.

Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Lacan, Jacques. *O seminário: R.S.I. (1974-1975)*: aulas de 10 de dezembro e 14 de janeiro de 1974 e 16 de fevereiro de 1975. Inédito.

Lacan, Jacques. (1974) *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

Quinet, Antonio. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Valente Filho, Newton. CID 10 x Sujeito 0. *Saúde, loucura e família: práticas socioinstitucionais em serviço*. II Relatório parcial de pesquisa. Rio de Janeiro, UERJ / CNPq, 2003.

resumo

Este trabalho aborda o conceito de sintoma em psicanálise, distinguindo o sintoma que leva uma pessoa a procurar um analista do *sinthoma* que o sujeito constrói na análise. Este, diferentemente do primeiro, não engana e não esgana. O efeito desse percurso é o gaio saber: uma nova maneira de lidar com *alíngua*.

abstract

This work addresses the concept of symptom in psychoanalysis. It discusses the differences between the symptom that causes individuals to seek a psychoanalyst and the "sympthom" that the subject constructs during analysis. The latter differs from the first in that it neither deceives the subject nor suffocates him. The result of this process is *le gai savoir* (i.e. joyful knowledge): a new way of dealing with language.